

HETÁIRA E O SYMPÓSION: relações de gênero em banquetes na Atenas do V e IV século a. C.

Juliana Magalhães dos Santos
Mestre em Educação - Unicamp

RESUMO: Para compreendermos as relações sociais tecidas em consonância com a dinâmica de banquetes (symposia), é preciso atentar a algumas particularidades sobre a festividade e seus participantes. Identificada como figura recorrente em banquetes, as hetáirai ("cortesãs") são elementos importantes para apontarmos as trocas específicas ocorridas durante os banquetes. Este artigo possui a pretensão de indicar sua dinâmica neste espaço de frequência e suas relações afins, além de analisar este circunscrito espaço de trânsito e ação. Como parte importante para a apreciação do tema, serão apresentados um breve comentário sobre a sua expressão imagética e as concepções e considerações a respeito de estudos de gênero que tentam compor um olhar sobre o feminino na História e em particular sobre as cortesãs na Atenas do século V e IV a.C.

PALAVRAS-CHAVE: Grécia Clássica; gênero; prostituição.

ABSTRACT: For us to understand the social relationships tied in line with the dynamics of the banquets (symposia), it is necessary to pay attention to some peculiarities about the festivity and its participants. Identified as a recurring figure at banquets, the hetáirai ("courtesans") are important elements to point out the specific exchanges that occurred during the banquet. This article has claim to indicate its dynamics in this frequency range and associated relationships, besides analyzing this circumscribed space of traffic and action. As an important part in the appraisal of the theme, will be presented a brief commentary about its imagetic expression and the concepts and considerations of gender studies that try to compose a view over the feminine in History and, particularly, about the courtesans of Athens in the V and IV a.C. centuries.

KEYWORDS: Classical Greece; gender; prostitution.

Sympósion

Ao dissertar sobre o processo de carnavalização do corpo devido a ruptura de uma ordem socialmente estabelecida, Bakhtin comenta que o banquete se desenrola em meio à festa popular (BAKHTIN, 2008: 243). Nele podemos presenciar o encontro entre o homem e o mundo, personificado em comida, para que o homem sinta o gosto do mundo em sua boca. Ao comer o homem domina o mundo, triunfa. O domínio vitorioso também está ligado a qualquer função que o homem consiga manipular. Logo, Bakhtin considera que desde a

antiguidade o ato de comer e o de trabalhar eram inseparáveis. As bocas, a palavra, eram a ordem e o *ganha pão* dos que faziam parte do mundo público. A idéia de triunfo e vida pública atribuída ao homem também ganha sentido se virarmos os nossos olhos para a dinâmica dos *symposia* atenienses. “Uma ligação eterna uniu sempre a palavra e o banquete. É no simpósio antigo que ela ocorreu da forma mais clara e mais clássica” (BAKTHIN, 2008: 246-248). Neles vemos a agregação de sentidos universalizantes da ação humana, posto em prática a partir dos rituais comensais. E mais, a expressão do corpo humano total é de suma importância para entendermos também a inversão da ordem social. Ordem dos costumes que viram de ponta a cabeça para dar lugar à carnavalização, à euforia e para a fuga do cotidiano. Variando de intensidade e local de práticas, vemos como se movimentam os atores sociais e a dinâmica que os torna coesos.

As práticas dos banquetes eram divididas de acordo com seus espaços: Os de caráter público (*deîpnon*) e os de privado (*sympósion*). Ambos eram locais de encontro, seja de reuniões políticas, reciprocidade entre diversos grupos, expressão de hospitalidade e para o exercício da *philia* (laços de amizade) na Atenas do V e IV século a.C. Havia, por isso, certa diferenciação no interior de cada prática de banquete em termos de comensalidade e expressão de normas sociais. Tanto os banquetes realizados nas festas do calendário religioso quanto os promovidos pela generosidade dos ricos possuíam caráter público. Com motivos político-religiosos, estes eram realizados em favor das divindades para a proteção da *pólis* (cidade). Havia sacrifícios e refeições com o objetivo de cumprir as regras de hospitalidade e de travar laços políticos entre Atenas e outras *póleis*. Os convivas saíam em cortejo (*kômos*) pelas ruas do espaço urbano se divertindo e entregando-se aos prazeres da vida para amenizar as tensões cotidianas. Durante esses banquetes, a ordem do cotidiano parece não sofrer grandes violações, apesar dos possíveis excessos praticados por cidadãos. O comportamento dos indivíduos se mantinha em linha tangível ao senso de decoro e em respeito ao outro, não ferindo os direitos cívicos dos cidadãos. Talvez não seja por acaso que a participação de um grande número de indivíduos (homens, mulheres, idosos, crianças) em banquetes públicos era natural e permitido, pois, além de se apresentar como uma festa, era opção de lazer, poderia reforçar e criar laços de amizade em todos os níveis, e poderia ser um meio de confraternizar em favor dos bons rendimentos obtidos pela *pólis*.

É importante afirmar que, independente da localização do banquete, ele era considerado como um local de privilegiados, daqueles que podiam banquetear e mostrar a

unidade de cidadania como algo vivo e concreto, mesmo não sendo uma prática restrita a determinadas camadas sociais de Atenas.

Os banquetes privados, apesar de serem motivo de confraternização e reunião, possuíam diferenças específicas que os tornavam diferentes dos públicos, pois, em realidade, a função primordial do *sympósion* traz em si uma antiga simbologia ateniense: a hospitalidade. Para prestá-la, eram realizados festins domésticos. Essa prática festiva mantinha regras estabelecidas e ritualizadas com o intuito de manifestar a hospitalidade para com o outro. A sua repetição caracterizava a busca pela preservação do grupo de amigos (*hetaireía*). Os *symposia* geralmente apresentavam motivos literários e filosóficos, e serviam como prática política recorrente para fomentar a formação de grupos e para confabular contra grupos oponentes, além da afirmação *phília* e da hospitalidade, sendo que aquele que não participava era um excluído social (THEML, 1998: 11-24).

Diferentes grupos participavam do banquete. As reuniões poderiam ser custeadas pelos convivas ou por um cidadão ou homem rico. Em um mesmo local poderiam se encontrar homens de diferentes camadas sociais de Atenas e inclusive estrangeiros. Mas o *sympósion* era visto pela elite abastada como local preferencial para o exercício político, geralmente para tratar de assuntos pró ou contra democracia. A elite intelectual, é claro, como fora dito antes, também tinha sua parcela de participação ao debaterem discursos.

O *sympósion* é uma prática festiva com regras estabelecidas e ritualizadas com o intuito de receber bem aqueles que frequentam o *oikos* (casa). A ritualização dessa prática efetua-se de tal maneira: O conviva chega à casa onde ocorrerá o banquete; ao chegar no *andrón* é coroado com guirlandas; suas mãos e pés são lavados por escravos; diversos tipos de comidas eram oferecidos em mesas portáteis; é feita a libação aos deuses iniciando o *sympósion* (prática de verter vinhos a favor de divindades para pedir proteção e graças – geralmente dedicado a Dionísio, daí o fato de ser considerado uma prática dionisíaca); é escolhido o chefe da reunião; início do consumo do vinho, e estágio onde é possível encontrar a subversão de valores e a suspensão da ordem social pelos convivas (carnavalização) (LIMA, 2000: 25). O ato de beber em grupo propicia a sociabilidade, o amadurecimento dos laços de amizade, aproximando os convivas e gerando cumplicidade entre eles. Neste contexto, o desmedido consumo de vinho poderá levar à embriaguez e à carnavalização da ordem social. Os convivas entravam em um estado de liberdade utópica e por isso se libertavam das normas e leis sociais.

Segundo Platão, o banquete está ligado à juventude e seus prazeres, por possuir um aspecto intemperante e inseqüente, quando os convivas não medem sua temperança

por não se afastarem dos amores que viciam. O intelectual prima pelo modelo de virtude de Sócrates, contrapondo-o com o modelo desmedido de Alcibíades, o jovem sobrinho de Péricles e importante personagem na política ateniense. Xenofonte prega o mesmo que Platão (PLATÃO, 2000: 95-166) ao persuadir seus companheiros a seguirem o modelo de ação comedida.

Realizados nos limites do *andrón* da casa do homem ateniense, os banquetes privados ou *symposia* geralmente são reconhecidos pela representação em vasos de figuras vermelhas com temáticas pós-comensalidade. Expressavam no tempo festivo os efeitos do prazer que o vinho, a dança e a comida proporcionavam aos convivas, através da universalização dos sentidos sociais e corpóreos em harmonia com o ambiente festivo e carnavalesco. Como aqueles que exerciam algum tipo de função para o funcionamento dos banquetes temos os músicos, as cortesãs (*hetáirai*) e as prostitutas (*pornai*). Os músicos poderiam ser jovens filhos de cidadãos, atenienses pobres ou escravos do organizador do banquete. As *hetáirai* entretinham os convidados através da dança, do canto e do ato sexual, podendo ser estrangeiras, mulheres livres, pobres ou escravas.

A carnavalização permitia que se abrisse uma brecha nos valores sociais, mas mesmo que houvesse punição pelos atos desmedidos, isso não impedia que a realização das festas e suas consequências ocorressem. A repressão era dada pelo comportamento contrário ao que era valorizado pela cidade: A justa medida, a temperança e o respeito.

Hatáira

Segundo a sabedoria popular, a prostituição é a profissão mais antiga do mundo. Exagero à parte, talvez seja possível reconhecer certo fundo de verdade no ditado, pois desde tempos imemoriáveis as prostitutas são relatadas, retratadas, sejam elas destruidoras de lares, um meio de manutenção da vida social masculina, a afirmação de status perante aos demais homens, substitutas amorosas e sexuais ou dádivas sagradas para saciar a sede de poder humano. Elas possuem um papel específico na sociedade, envolvendo uma dinâmica de meios simbólicos e ideológicos afinados a posição do homem perante os demais membros de seu meio.

Mas o que sabemos sobre as prostitutas atenienses? Vieira (2006: 24-31), ao discutir o lugar ambíguo exercido pela prostituta na *pólis* ateniense, fala sobre a institucionalização da prostituição. Segundo a autora, a institucionalização da prostituição vem ao encontro de três perspectivas. A primeira seria uma necessidade de garantir a legitimidade da

descendência dos cidadãos atenienses e preservar a castidade das mulheres bem nascidas. A segunda estaria ligada aos rendimentos do estado advindos da cobrança do *pornikon*, imposto que recai sobre a prostituição. A terceira perspectiva relaciona-se à necessidade de ordenação da ideologia grega. Para ela, as informações referentes à prostituta na documentação textual são poucas e se encontram pulverizadas. Porém, é na imagética que a presença das prostitutas e escravas podem ser aferidas em maior quantidade.

Existiam, pois, dois tipos básicos de prostitutas. Um deles era a *porné*, uma prostituta de baixa remuneração geralmente encontrada no bairro do Cerâmico e no porto do Pireu em Atenas, oferecendo seus favores aos pertencentes das classes menos favorecidas. As cidades gregas possuíam a característica de agruparem suas profissões por bairros e era no bairro Cerâmico que poderíamos encontrar o maior número de casas de prostituição, cuja presença atribuía certa "reputação" ao bairro. Este era também o bairro das olarias e do cemitério. O outro tipo de prostituta, a *hetáira*, uma prostituta para o gosto e a riqueza de poucos, dona de certa sofisticação e educação e renomada por sua ligação direta com o mundo político e a vida pública.

Com esse conhecimento prévio sobre a vida das prostitutas na cidade ateniense, passemos para a análise específica, as *hetáirai*. As *hetáirai*, como fora dito acima, basicamente figuravam presença nos banquetes onde se reuniam os grupos políticos a título de entretenimento. Este fato nos permite concluir que era estreita a relação entre *hetáirai* e cidadãos, na medida em que elas participavam de momentos da vida dos homens dos quais suas próprias esposas não participavam.

As prostitutas, de certa maneira, gozavam de um contato e confiança em relação aos cidadãos, por vezes muito maiores do que suas esposas. Podemos, portanto, afirmar que as *hetáirai* desempenhavam também uma indireta participação política. Reforçando esta afirmação, devemos lembrar que muitas destas *hetáirai* eram alugadas pelos cidadãos e os acompanhavam em festas, viagens e locais onde as discussões e os conflitos políticos apareciam.

A ideia de haver "táticas para subverter a dominação cultural masculina" pelas mulheres discutidas por De Certeau é interessante para ilustrar a ideia de influência das *hetáirai*. Segundo o autor, "[a dominação masculina] pode ser subvertida, não a rejeitando diretamente ou modificando-a, mas pela sua maneira de usá-la para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não se pode fugir" (CERTEAU, 1994: 39), e, ao mesmo tempo, construir um grupo identitário plural e hierarquizado. A tática seria uma possibilidade de resistência ao modelo aparentemente rígido da divisão dos espaços sociais

e tarefas, uma ação intencional no espaço em que elas (no caso) não exercem controle. Segundo De Certeau “A arte dos fracos”, determinada pela ausência de poder deve apontar para uma hábil utilização das ocasiões que fortalecem as bases de um poder. Assim,

(...) o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (...), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato ou maneira de se aproveitar da situação (CERTEAU, 1994: 45-46).

Este conceito pressupõe que o indivíduo lide de maneira constante com os acontecimentos para transformá-los em “situações”, enfim, valendo-se de oportunidades geradas pelo jogo de interesses e forças para adquirir “terreno” no espaço interessado, além de supor uma ação por meios informais. Meios informais estes dos quais as *hetáirai* se utilizaram e por meio dos quais se tornaram reconhecidas.

Toda essa atenção tem um início: a educação diferenciada. Fazia parte da educação de uma *hetáira* o ensinamento da arte da sedução e, ligados a este, o ensinamento de dança, poesia e música. Ela poderia saber tocar instrumentos, dançar muito bem e recitar poesias nos banquetes, meios pelos quais são usualmente assim retratadas nos vasos. Portanto, é possível afirmar que as *hetáirai* possuíam uma cultura que era negada às esposas bem nascidas e era essa formação que as introduziam nos banquetes. Nas imagens de banquete podemos aferir uma prostituta pelo fato, entre outras coisas, de tocar um instrumento: uma lira, um *aulós*, um *bárbitos*. Além disso, aprendiam com suas proxenetas as artes do sexo. É interessante pegar o gancho dado pelo tópico anterior no que diz respeito ao local de ação das *hetáirai* e a relação que esse nome possui com o meio. O nome *hetáira* vem de *hetaireía*, grupo de amigos. Não é à toa, posto que a função primordial da *hetáira* é servir a determinados grupos de amigos (políticos ou não). Esta estaria inscrita na relação de confiança recíproca, primariamente fundada na *hetaireía*, frequentado por ela.

Segundo Legras (LEGRAS apud LESSA, 2004: 13) as cortesãs são as únicas mulheres livres em Atenas e vivem da generosidade dos homens das quais são acompanhantes. Claude Mossé (1999: 34) argumenta que a *hetáira* é aquela cuja visita é feita pelo prazer e cujo corpo é fonte e objeto de desejo. A *hetáira* pertence ao mundo exterior, aquele que é definido pelo homem em contraposição ao *oikos*, o mundo das mulheres. Ir à casa de uma cortesã, para o homem, seria afirmar sua virilidade (VONYEKE,

1990: 230), já que os casamentos (e as mulheres casadas) não possuíam a função primordial de estimular o amor e o prazer, mas a produção de herdeiros para família.

As *hetáirai* não possuíam prestígio, que era reservado às mulheres bem nascidas, porém, tinham uma liberdade de ir e vir e uma influência e participação junto aos cidadãos que as esposas não tinham. Elas não precisavam buscar o ideal de reclusão ao *oikos*, permanecendo no interior de sua casa como é esperado da esposa. Essas mulheres transitavam tanto nos espaços internos quanto nos externos. As *hetáirai* poderiam ver e ser vistas, ao contrário das esposas, e circulavam nas ruas, nas festas, nos banquetes, fora de Atenas, enfim, estavam presentes em locais proibidos às cidadãs. Por isso a justaposição da *hetáira* chama a atenção. Mesmo ao participar do corpo público do homem, interagindo e tomando parte da vida pública, ela penetra no domínio privado pelos aposentos masculinos. Vemos aqui o público invadindo o privado através da inversão social do cotidiano e da perversão das práticas sociais comuns, mundo do qual a *hetáira* faz parte. Um mundo periférico e específico, mas ainda assim público. Porém, se pensarmos bem, essa inversão é apenas abstrata e aparente, por se tratar de uma ideologia que dá parâmetro aos costumes e por ser lícito um homem ter relações extraconjugais com prostitutas (POMEROY, 1999: 109). Logo, a relação entre homens e prostitutas (de qualquer nível) é natural e patente. O que se pode tomar parte é que, apesar de sua atenção e participação seja no público, seja no privado, a *hetáira* apenas circunda as esferas não pertencendo a nenhuma delas de fato.

Segundo Pomeroy, as prostitutas eram notoriamente “mercenárias” (POMEROY, 1999: 30). Eram as únicas mulheres de Atenas que exerciam um controle independente sobre porte considerável de riquezas (acumulo monetário). Daí pode-se concluir, também, que não se possuía prestígio, embora fossem livres, pois, ao lidar com a moeda, prática tipicamente masculina, poderiam ser consideradas como “gananciosas” e “interesseiras” pelo acumulo de recursos, talvez devido à curta duração da profissão, além de causar ressentimentos aos homens. Se porventura carecessem de algum protetor ou fonte de renda, as carreiras das prostitutas poderiam ser desastrosas.

É provável que as prostitutas praticassem o infanticídio em maior medida que as cidadãs gregas. Segundo Pomeroy (1999), as prostitutas preferiam as filhas aos filhos, pois estas poderiam sucedê-las na profissão. Seguindo a lógica, elas também compravam jovens escravas e poderiam reconhecer as meninas recém-nascidas abandonadas por seus pais. As ensinava o ofício e as colocavam em “bordel” ou trabalho de prostituição autônoma

(prostituição de luxo ou concubinato), para assegurar a sobrevivência através dessa possibilidade de vida quando o seu tempo tivesse passado.

Para a autora, as *hetáirai* seriam uma espécie de "contra-modelo" em relação ao modelo de esposa *mélissa*, da mulher bem nascida. Os atributos desejados na esposa não o são na prostituta, não fazem parte de suas práticas e atribuições. Assim como os cidadãos estão divididos em classes censitárias, também existia uma divisão entre as mulheres, porém muito mais ligada às suas atribuições sexuais e de compromisso com a reprodução. Devemos pensar também na prostituta sob uma perspectiva comparativa em relação às outras mulheres helenas, isso na medida em que esta podia estar em locais proibidos para as outras mulheres, além de poderem circular livremente pelo espaço público, o que era negado mesmo à mulher bem nascida. Porém, é importante ressaltar que esta e outras aparentes "vantagens" que pudessem ter as *hetáirai*, não davam nenhum tipo de prestígio a elas e nem faziam com que mulheres bem nascidas as invejassem ou quisessem se igualar.

Existem diversas maneiras de explorar o tema. Talvez o intento fosse contrário. Talvez o que as motivava poderia ser muito mais que o acúmulo de riquezas, o amor, a liberdade. Poderia ser o casamento. E é por isso que a passagem de Pomeroy possa nos levar a refletir sobre o interesse das *hetáirai*.

Ainda que para a mulher moderna nem o papel da hetáira nem o da esposa reclusa parecem ser atrativos, é tentador pra nós idealizar a primeira e compadecer-se da segunda. A cortesã tinha acesso a vida intelectual de Atenas que tanto apreciamos hoje, e se não era escrava, tinha a liberdade de frequentar a quem quer que lhe agradasse. Admitamos que nossas fontes sofram de certos prejuízos, mas é fato que conheçamos a várias cortesãs que passaram a viver como esposas respeitáveis, ainda que não conheçamos a nenhuma cidadã casada que desejara ser uma cortesã, deveríamos reconsiderar a questão de qual era o rol preferível na Atenas Clássica. Companheira ou Esposa (POMEROY, 1999: 110-111).

Mesmo não fazendo parte de um grupo particular, os cidadãos, na cidade de Atenas as *hetáirai* possuíam um significativo papel na vida dos homens públicos, atuação que se desenrolava tanto em âmbito público, como mulher livre e de trânsito fácil pelo domínio exclusivamente masculino, e no espaço particular na participação dos banquetes a título de entretenimento. Neste ambiente de características muito particulares, as *hetáirai* eram chamadas a participar por serem de uso exclusivo de políticos atenienses, para festejos em favor da hospitalidade ou fraternidade de amigos. E a vivência exclusiva destas mulheres em contato direto com a vida pública masculina não foi nula, posto que não ficavam imunes ao que ocorria durante as festividades, mesmo que não fosse de sua alçada.

Possuir uma educação diferenciada, com conhecimentos vários na arte da música, entretenimento e da sedução não excluía a adição de conhecimentos a respeito da vida política. Repassar informações, versar sobre possíveis influências e praticar a retórica parecem ser um meio possível de manter o interesse masculino avivado. Além, é claro, de aprofundar as diferenças que havia entre as prostitutas e o modelo esperado das mulheres casadas, a mulher cidadã.

E essas atuações e disparidades são constatadas por homens como Demóstenes (2000), Platão (2000), Xenofonte (1992a, 1992b) e Plutarco (1997) ao mencionarem mulheres que ultrapassaram seus *status* como prostitutas e transgrediram o sistema ideológico social ateniense. Elas marcaram presença não só por transgredir o espaço que lhes convinha, mas para atentar a uma melhor condição de vida, segundo seus interesses. E principalmente por incentivarem outras mulheres (fossem elas cidadãs, livres ou escravas) a fazerem o mesmo, através de seus exemplos. Elas definitivamente sabiam o que queriam, o que as motivava. Sem dúvida, tais incentivos (discretos ou escandalosos) proliferaram de maneira quieta e consentida por “*vistas grossas*” e não é à toa que chega até nós hoje a prova destas tentativas. O uso de artefatos de beleza para incentivar a sedução; a criação de uma norma cívica a ser seguida por mulheres casadas, possivelmente porque elas não correspondessem ao papel esperado; a participação em cultos cívicos e a prevalência de decisões sócio-políticas por parte das mulheres em tempos de guerra, devido a escassez de homens, poderiam dar indício das tentativas de ocupação do espaço imaginário e simbólico da polis, predominantemente masculino.

Representação Imagética

As imagens de subversão, geralmente apresentadas em pinturas vermelhas e pretas em vasos, taças, copos e etc., datados da época referente à estudada, são caracterizadas pelos excessos vividos pelos convivas. Isto é, pela subversão da ordem. Esse tempo é marcado pelas ações desmedidas permitidas somente no período do carnaval (LIMA, 2000: 20). Imagens de excessos mostram cenas de embriaguez e delírios causados pelo vinho. As imagens que demonstram cenas do corpo grotesco mostram atos sexuais sendo realizados, bem como a liberação de excrementos como vômito, fezes, urina, etc. Há cenas como esta em que aparecem as *hetáirai* em cenas de submissão, diversão e atos sexuais.

Geralmente elas apareciam dançando, tocando instrumentos e cantando, ou no ato sexual com seus parceiros. Isto remete a participação e o porquê de sua presença nos

banquetes. Elas poderiam ser escravas que trabalhavam para o organizador do banquete, uma cortesã estrangeira vendendo seus serviços ou mulheres contratadas para entreter os convivas. Poderiam, inclusive, exercer influência e ter laços fortes com um grupo para o qual ela prestava serviços, em uma relação de confiança entre um conviva e a *hetáira* em questão.

As cenas podem ter conteúdo moderado ou explícito dependendo da época em que fora produzido, do que se quer priorizar e da vontade de quem encomendou. Pode passar de uma cena de erotismo moderado a o ato sexual explícito, uma “loucura dionisíaca” estimulado pela embriaguez e pelo vinho. O carnaval libera os convivas das regras sociais e então há subversão da temperança, onde o grotesco é celebrado e as regras quebradas (LIMA, 2000: 65). No que diz respeito as *hetáirai*, há cenas em que elas aparecem nuas realizando a dança dionisíaca. Essas imagens eram de difícil circulação, pois elas não apareciam desta maneira no *kômos*, mas no *sympósion* essa cena não seria difícil de ser encontrada. A maneira peculiar de se representar o corpo durante a carnavalização das *symposia* em que tanto as *hetáirai* quanto os convivas estão despidos. Isto demonstra a subversão das regras sociais, pois o baixo corporal está explícito e os jogos eróticos são permitidos.

Estudos de Gênero: algumas perspectivas

Para finalizar os comentários a respeito do universo de cortesãs na Atenas do V a.C, nos deparamos de maneira rápida com o seu lugar de convivência, sua expressão social, sua representação social e, por último, nos deteremos a comentar algumas percepções de como o gênero é concebido por pesquisadores interessados na área.

Scott (1994), precursora dos estudos de gênero, desde a década de 1980, apontava novas indagações a respeito da posição da história das mulheres, e deu importantes contribuições epistêmicas ao desabilitar certas correntes historiográficas que tratavam o “homem” como sujeito humano universal. Segundo a autora, o conceito de gênero e a relação dos sexos estruturaram-se durante os séculos. Para entendermos essa evolução, ela se baseia em dois pilares: no gênero como elemento constitutivo das relações sociais baseadas na diferença de sexos, e no gênero como forma primeira de significar relações de poder. O “gênero é a organização social da diferença sexual” afirma Soihet (2007: 291) ao refletir sobre as afirmações de Scott. Essa ideia coaduna com a afirmação reforçada por Scott ao se referir a Foucault e o significado que o autor dá aos usos e significados a

palavra gênero. Para ele o tema assume posição relativa, pois a relação entre gêneros “*nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder são construídas*” (SOIHET, 1995: 85), indicando que o gênero é um saber que estabelece significados para as diferenças corporais, em posição de alteridade.

Para Scott, a história das mulheres não é um universo à parte e que é preciso “*descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do seu simbolismo nas várias sociedades e épocas, o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem ou mudá-la*” (SCOTT, 1994: 95). Além de questionar a hierarquia na relação homens/mulheres no acesso ao “poder”, a autora afirma que as desigualdades de poder se organizam conforme os eixos: classe, gênero e etnia/raça. Seguindo seu raciocínio, apesar de o uso descritivo “gênero” como um conceito associado ao estudo das coisas relativas à mulher, este não possui força analítica suficiente para mudar os paradigmas históricos. Segundo ela, o desafio teórico estaria em não só analisar as relações de gênero no passado, mas também em trazer diálogos múltiplos entre a história do passado e as práticas históricas do presente.

Outras proposições a respeito da pesquisa sobre o gênero e sua relação com a história nos informam sobre o mosaico de opções de linhas de pensamento, além de nos fazer refletir sobre os caminhos (sem parâmetros pré-definidos) pelos quais esta área vem seguindo.

Segundo Soihet (2007 : 291), Thomas Laqueur (2001) propõe, diferentemente das assertivas de Scott, que o reconhecimento de diferenças entre o corpo masculino e feminino, considerando a especificidade do último, demonstrava que as relações de gênero instituíram o sexo. “*O sexo, tanto no mundo do sexo único como no de dois sexos, é situacional: é explicável apenas dentro do contexto de luta sobre gênero e poder*” SOIHET (2007: 292).

Butler (SOIHET, 2007: 293) se aproxima da argumentação proposta por Laqueur (2001) ao argumentar que o sexo aparece no gênero como sendo construído culturalmente. Isto é, a alteridade constituiria a concepção cultural para indicar a posição que o outro deve assumir (isso em relação a si mesmo). Segundo Butler, seria necessário reformular o gênero, de forma que as relações de poder que produzem efeito de um sexo pré-discursivo possam estar contidas. O gênero seria a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido que se congela no tempo, produzindo a aparência de uma substância. Esses atos e gestos seriam performáticos, no sentido de que a essência que supostamente expressam construções manufaturadas e expressam através de signos corporais e outros meios.

Segundo Soihet, as perspectivas *desconstrutivistas* que buscam a dessencialização são geralmente criticadas pelas tentativas de dissolver o sujeito político “mulher” e por estabelecer distâncias entre a reflexão teórica e o movimento político. A excessiva ênfase na diferença acaba tirando o foco do objeto do estudo, perdendo o sentido da argumentação que lhe servira por base. Já Butler (SOHIET, 2007: 293) e Laqueur (2001) apontam para uma construção social dos gêneros e Scott, para uma construção política. Em outra direção, Perrot (1997) apresenta uma História do Gênero feminino intimamente ligado as relações cotidianas, e que durante séculos, se comunicavam com o arquétipo e o estereótipo feminino. A pesquisadora, diferente dos autores apresentados, que tentam compreender e refletir sobre quais seriam os apontamentos dados pelo conceito “gênero” e seus desdobramentos, tem como objetivo reconstruir os caminhos trilhados pelas relações do gênero feminino com as expressões do social, inclusive em enfrentamentos gerados nas relações dentro do próprio gênero.

Desta maneira, as diversas abordagens que contemplam o gênero feminino tentam abarcar a multiplicidade de ações que permeiam a vida social, segundo as relações que são próprias. As possibilidades de explorar as relações sociais das *hetáirai* indicam um olhar que tenta compreender a mobilidade e as relações na Atenas do V século a.C. Ao nos depararmos com a formalização do gênero através de suas práticas cotidianas, nos damos conta de sua consolidação através da expressão social particular ao universo da prostituição. Essa posição que ocupa frente a sociedade ateniense circunscreve os espaços de circulação das *hetáirai* e indicam que as possibilidades de ação da mulher neste caso subvertem, de certa maneira, o conhecimento que possuímos da expressão do feminino no âmbito público. Conhecimento este difundido por filósofos como Aristóteles (2004), que expressa a ação feminina própria ao âmbito privado.

Ao considerarmos as ações que subvertem a lógica relacional em certo meio, esta pode se estender a tentativa de lançar luzes sobre outros espaços ocupados pelo gênero feminino não só em Atenas, mas também como possibilidade de perceber outros espaços de ação na antiguidade, levando em consideração os possíveis contornos políticos, sociais e econômicos gerados por tais expressões (e suas conseqüências) no espaço vivido.

Fontes

ARISTÓTELES. *Poética, Organon, Política, Constituição de Atenas*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

DEMÓSTENES. *Contra Neera - Discursos Privados II*. Biblioteca Clásica Gredos, 65; Editorial Gredos, 2000.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

PLATÃO. *República*. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2000.

_____. Banquete. In: *Apologia de Sócrates e Banquete*. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2000.

XENOPHON. Symposium. In: *Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1992a.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/ Brasília: Hucitec/ Editora Universidade de Brasília, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel: *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LESSA, Fabio de Sousa: *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira: *Cultura popular em Atenas no V século AC*. Rio de Janeiro: 7letras, 2000.

MAFRA, Janaina Silveira. "Memória e Festa no Sympósion de Xenofonte". In: Fabio de Souza Lessa e Regina Maria da Cunha Bustamante (org.), *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

MOSSE, Claude: *O Cidadão na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1999.

THEML, Neyde: *O Público e O Privado na Grécia do VIII Ao IV Séc. a.C.: O Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

PERROT, Michelle: *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

POMEROY, Sarah: *Diosas, Rameras, Esposas y Esclavas. Mujeres en la antigüedad Clásica*. Madrid: Akal Ediciones, 1999.

SCOTT, Joan: "História das Mulheres". In: Burke, Peter (org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

SOIHET, Rachel & Joana Maria Pedro: “A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero”. In: *Revista Brasileira de História – Órgão Oficial da Associação Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 27, nº54, jul-dez, 2007.

VANOYEKE, Violaine: *La Prostitution en Grèce et à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

VIEIRA, Ana Livia Bonfim: *A prostituição feminina em Atenas Clássica: Escravas e Libertas*. In: *A mulher na Antigüidade - III Jornada de História Antiga*. Núcleo de Estudos da Antigüidade. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ/Fabrica dos Livros - SENAI, 2006.

Recebido em: 11/04/2013
Aprovado em: 26/04/2013